



# Emily • the Road of a Thousand Winds

Capítulo I: A Aldeia & a Partida

PT

Sob o peso asfixiantemente belo de mil gerações, uma rapariga atenta prepara-se para trocar a segurança do conhecido pela terrível promessa do horizonte.



Alcaverde agarra-se às colinas de calcário como uma antiga memória caiada de branco. É um lugar de beleza arrebatadora, onde os direitos à água são mais sagrados do que a lei da igreja, e onde mil gerações deixaram a sua marca indelével. Contudo, apesar de todo o seu calor, esta plenitude parece uma gaiola belamente construída.



De pé no alto do cume, Emily olha para o vale da sua juventude. Cada caminho e cada olival são intimamente conhecidos, mas ela apercebe-se de que está totalmente visível para a aldeia lá em baixo. Aqui, a comunidade é um abraço sufocante, uma paisagem onde cada olhar age como uma sentinela silenciosa.



Na quietude da cozinha antes do amanhecer, Emily e Catalina partilham a linguagem sem palavras de fazer pão. As mãos de Catalina movem-se com absoluta precisão, amassando amor e tristeza na massa. É aqui que a sua mãe coloca um lenço de lã vermelha nas mãos de Emily — uma permissão silenciosa e radical para partir.



Pela porta da oficina, Emily observa o seu pai, Tomás, com as mãos manchadas pelo óleo de cem reparações. Ele testa a junção de uma ferramenta partida com os dedos trémulos, incapaz de expressar a profundidade do seu afeto. O seu trabalho meticuloso é o seu único vocabulário para um amor que teme a partida dela.



Descansando no banco de pedra gasto, Emily finalmente diz a verdade que tem assombrado os seus momentos de silêncio. Ela confessa a sua fome pelo vasto mundo além das Terras da Caldeira, um desejo demasiado maciço para ser contido dentro das paredes íngremes do vale. É uma declaração de independência, assustadora e profundamente necessária.



O rigoroso meio-dia mediterrânico alisa a aldeia, desbotando as sombras da Plaza de la Tinaja. Emily permanece imóvel sob a luz opressiva, a sua mente totalmente consumida pelo mundo vasto e não mapeado que espera logo além do horizonte. O clarão ilumina a sua determinação singular e inabalável de partir.



Os dedos envelhecidos de La Rosalía traçam o rosto de Emily, lendo o desejo de viajar gravado nos ossos da neta. "Tu és grande demais para este lugar", diz ela, pressionando uma bússola de latão partida na palma da mão de Emily. Não apontará para o norte verdadeiro, mas lembrá-la-á para sempre de confiar na bússola inabalável do seu próprio coração.



Na penumbra silenciosa do seu quarto, Emily reúne as suas relíquias, organizando meticulosamente os mapas, ferramentas e as lãs pesadas de que precisará. Cada item colocado na sua mochila carrega o peso físico da sua partida iminente. A preparação é um ritual silencioso de corte de laços, tornando o sonho abstrato numa realidade inegável.



Na calma antes da tempestade da sua partida, Emily caminha pelos caminhos da aldeia com novos olhos. Ela olha para as pedras familiares, a antiga figueira e os rostos marcados dos seus vizinhos não como elementos permanentes de uma gaiola, mas como memórias pelas quais já começa a fazer o luto.



Sentada junto à fonte antiga, ela ouve o ritmo familiar e murmurante da nascente. Uma dor repentina aperta-lhe a garganta ao perceber o quão profundamente ama este lugar. A sua partida não nasce do ódio pelo seu lar, mas da necessidade de crescer além da sua perfeição completa e sufocante.



Perto dali, os anciãos da aldeia sentam-se à sombra, as suas vozes carregando fragmentos de velhas histórias de viagens e aventuras de juventude além das montanhas. É como se a aldeia sentisse os planos dela, oferecendo estes ecos antigos de um mundo maior e mais selvagem exatamente quando ela precisa de coragem para o enfrentar.



O dia evapora-se com uma rapidez surpreendente, as paredes caiadas transfiguradas num rosa luminoso e pulsante pelo sol poente. À medida que o anoitecer se instala sobre a Caldeira, Emily fica sozinha com os seus pensamentos acelerados. A espera acabou; amanhã, o vasto mundo finalmente começa.



É a noite de El Ruedo, o festival anual do solstício de verão, e o ar é espesso com antecipação e fumo de lenha. Serve como um cenário ardente e caótico para a última noite de Emily em Alcverde — uma celebração que parece inteiramente destinada a ela.



Observando as preparações, Emily perde-se nas memórias de festivais passados. Ela compara a rapariga assustada que costumava ser com a viajante em que se deve transformar pela manhã. A roda em chamas representa a passagem irreversível do tempo, um ciclo que ela está finalmente pronta para quebrar.



Uma memória vívida invade-a: ela tem sete anos, sentindo o calor abrasador da roda em chamas pela primeira vez. Parada e a salvo na sombra protetora de Catalina, a jovem Emily recusa-se a desviar o olhar das chamas. A faísca da sua partida nasceu naquele olhar único e inabalável.



À medida que a enorme roda de madeira se incendeia e rola encosta abaixo num rugido de faíscas, a multidão aplaude para a escuridão. Emily percebe que o ruído caótico e a luz brilhante fornecem o disfarce perfeito para a sua saída. É a sua própria celebração de despedida, privada e não dita.



Após um sono curto e agitado, Emily levanta-se na penumbra antes do amanhecer, a mochila pesada nos ombros. Catalina emerge das sombras para um último adeus, mais uma vez afirmando a dádiva do lenço vermelho. Na manhã silenciosa, a bênção da sua mãe é o derradeiro ato de libertação.



Catalina inclina-se e beija suavemente a testa de Emily. "Amo-te", sussurra ela no ar frio. "Toma bem conta de ti." É um ato de profundo amor materno — a força para deixar uma filha caminhar em direção ao horizonte sem a prender.



Com dezassete anos e de pé no limiar do mundo conhecido, Emily respira fundo o vasto ar aberto. A aldeia ainda dorme atrás de si, aninhada no seu vale protetor. Ela vira o rosto para o desconhecido, inteiramente pronta para a estrada.



Com um último olhar para as folhas prateadas das oliveiras e a terra cor de ferrugem das Terras da Caldeira, Emily pisa a estrada aberta. Ela está a deixar para trás a bela e sufocante história de mil gerações. A paisagem expande-se diante dela, aterradora e maravilhosamente indiferente.